

A PRESENÇA DO TEMA BRANQUITUDE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE OS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO PARANÁ

Gabriela Paola Javorski Bara
Luana Priscila Moreira Pereira
Lucas Henrique Malafaia do Nascimento

INTRODUÇÃO: A presente pesquisa investiga a presença da branquitude como tema nos cursos de graduação em Psicologia no Paraná, compreendendo-a como uma posição social de privilégio que garante acesso a recursos simbólicos e materiais. O estudo justifica-se pela histórica negligência das relações raciais nos currículos acadêmicos e pela necessidade de problematizar o "sujeito universal" das teorias psicológicas clássicas, que frequentemente ignora a racialização do branco. O objetivo central foi apurar como o tema é abordado no percurso formativo, analisando formatos, bases teóricas e o nível de letramento racial dos estudantes, visando uma formação ética e comprometida com os direitos humanos.

METODOLOGIA: Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, com coleta de dados realizada via questionário digital anônimo na plataforma JotForm. A amostra, selecionada por conveniência e recrutada pela técnica *snowball*, consistiu em 153 estudantes de Psicologia de instituições públicas e privadas do Paraná, cursando entre o 3º e o 10º período. A análise dos dados utilizou estatística descritiva para variáveis quantitativas e o método fenomenológico para a interpretação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos à sua experiência formativa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Os resultados demonstram que, embora 73,2% dos respondentes se autodeclarem brancos, o tema da branquitude permanece invisibilizado na formação. Constatou-se que 51% dos estudantes não cursaram nenhuma disciplina que abordasse a branquitude e 92,5% não participaram de atividades de extensão ou estágio sobre o tema. Em contraste, o racismo foi abordado em disciplinas para 78,4% da amostra, reforçando a tendência de associar raça apenas a pessoas não brancas. Quanto ao letramento racial, 56,9% classificaram o que receberam como insuficiente e 19,6% afirmaram não ter recebido letramento algum. Além disso, a maioria dos estudantes (86%) não soube citar autores especialistas em branquitude, e as referências mencionadas frequentemente pertencem a outras áreas do saber, evidenciando que o debate ainda não está consolidado no núcleo da Psicologia. Tais dados sugerem que a formação atual mantém a branquitude como uma norma invisível, dificultando o desenvolvimento de práticas profissionais efetivamente antirracistas.

Palavras-chave: Branquitude; Formação em Psicologia; Raça; Letramento Racial.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Resolução CNE/CES Nº 8, de 7 de maio de 2004. **Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2004.

BRASIL. Resolução CNE/CES Nº 1, de 11 de outubro de 2023. **Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2023.

DIANGELO, R. **Não basta não ser racista, sejamos antirracistas**. São Paulo: Faro Editorial, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **Censo Demográfico 2022**: identificação étnico-racial da população, por sexo e idade. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf. Acesso em: 03 jul. 2024.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2020.

AGRADECIMENTOS: Ao apoio da professora Dra. Camila Muhl, da FAE Centro Universitário e do CNPq.